

Tragédia em Minas no adeus a Tancredo

por José Casado
de Belo Horizonte
(Continuação da 1ª página)

Em lágrimas, dona Risoleta pegou o microfone e fez um longo apelo, soluçando: "Mineiros, mineiros, em nome de Tancredo peço calma. Vamos, de mãos dadas, nesse instante, rezar um Pai-Nosso..." O povo a interrompe e começa a gritar seu nome, agitando cartazes e bandeiras. Ela retoma e, pelos quinze minutos seguintes, apela, emocionada, para que a última homenagem de seus conterrâneos ao presidente não se transforme em tragédia: "Calma, pelo amor de Tancredo, para que ele tenha de lá a alegria de cada um de vocês. Vamos dizer a ele: Tancredo, nós faremos o que você nos ensinou". Chorando, mas intensamente aplaudida, retirou-se.

Já começara a despedida em volta do esquife. As pessoas passavam, olhavam a expressão serena de Tancredo, entre flores, e demonstravam toda sua emoção.

Do lado de fora, voltava a



Hélio Garcia

aumentar a pressão sobre as grades laterais do Palácio. Os policiais faziam todo o esforço possível para retirar os feridos. De braço em braço, iam transportando-os por sobre a multidão, em seguida, por cima das grades. Ao chegar à grama, procuravam reanimá-los, usando o próprio capacete: com ele, recolhiam água nas torneiras espalhadas pelos jardins e davam de beber aos desafortunados.

Uma das filhas de Tancredo Neves, Inês Maria,

assumiu o microfone na sacada e apelou para orações e salmos. A fúria foi parcialmente contida, mas minutos depois ressurgiu. O governador Hélio Garcia chorava, desolado. Os comandantes dos batalhões da PM sentiam-se impotentes. Convocavam-se todos os veículos disponíveis nas repartições públicas para o serviço médico de emergência. No rádio e na televisão, locutores pediam aos enfermeiros e médicos que estavam em casa para dirigir-se ao hospital de pronto-socorro, com a máxima urgência. Com o posto médico do Palácio lotado, os novos feridos passaram a ser conduzidos à capela, que foi transformada em hospital.

A calma só começou a surgir por volta das 19 horas, quando dom Serafim Fernandes de Araújo, bispo coadjutor da capital mineira, abriu a missa de exéquias. O culto foi antecipado, na tentativa de conter a multidão. O bispo começou a cantar um salmo conhecido: "Segura a mão de Deus..." O povo relaxou e o acompanhou, cantando.